

COLEÇÃO MUSEU DO IPIRANGA 2022

CICLO CURATORIAL

MUSEU
DO IPIRANGA
— USP

edusp

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Carlos Gilberto Carlotti Junior
Reitor

Maria Arminda do Nascimento Arruda
Vice-reitora

MUSEU PAULISTA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Rosaria Ono
Diretora

Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira
Vice-diretor

FUNDAÇÃO DE APOIO À
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Marcilio Alves
Diretor

Silvia Pereira de Castro Casa Nova
Diretora-adjunta

EDITORIA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO

Sergio Miceli Pessôa de Barros
Diretor-presidente

COMISSÃO EDITORIAL

Rubens Ricupero
Presidente

Maria Angela Faggin Pereira Leite
Vice-presidente

Clodoaldo Grotta Ragazzo
Laura Janina Hosiasson
Merari de Fátima Ramires Ferrari
Miguel Soares Palmeira
Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior
Membros

Marta Maria Gerales Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão
Suplentes

Carla Fernanda Fontana
Editora-assistente

Cristiane Silvestrin
Chefe Div. Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ciclo curatorial / [coordenação Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho]. – 1. ed. 1. reimpr – São Paulo, SP: Edusp: Museu Paulista da USP, 2023. – (Coleção Museu do Ipiranga 2022; 6)
Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-89364-13-3 (Museu Paulista)
ISBN 978-65-5785-092-3 (Edusp)
1. Artes - Exposições - Catálogos 2. Curadoria 3. Museologia
4. Museu Paulista (São Paulo, SP) I. Lima, Solange Ferraz de.
II. Carvalho, Vânia Carneiro de. III. Série.

22-123998 CDD-730.920981

Índices para catálogo sistemático:
1. Artes: Brasil: Exposições: Catálogos 730.920981
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

SUMÁRIO

01	A curadoria nos bastidores do Museu	14
	SOLANGE FERRAZ DE LIMA E VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO	

03	Catalogando dinheiros	70
	ANGELA MARIA GIANEZE RIBEIRO	
	Colecionar e exhibir: o lugar social dos álbuns nos séculos 19 e 20	78
	SOLANGE FERRAZ DE LIMA	
	Comunicar: louças	84
	JOSÉ HERMES MARTINS PEREIRA	
	O observador urbano	96
	SOLANGE FERRAZ DE LIMA	
	Brinquedos Metalma no Museu do Ipiranga	106
	LUDMILA ÉRICA CAMBUSANO DE SOUZA	
	Exercício de leitura: rótulos e embalagens	118
	CHICO HOMEM DE MELO	
	Porcelana Rebis em um museu de história – por quê?	124
	VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO	
	Um novo olhar para os retratos fotográficos	138
	GUILHERME DOMINGUES GONÇALES	

Apresentação	05
ROSARIA ONO E AMÂNCIO JORGE SILVA NUNES DE OLIVEIRA	
Um museu universitário de história	07
VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO	

02	Conservação: as nossas coisas e o tempo	24
	TERESA CRISTINA TOLEDO DE PAULA	
	Reservas Técnicas: os bastidores do Museu	28
	ADILSON JOSÉ DE ALMEIDA E VALESKA SANTINI	
	Expografia como sistema: o desenvolvimento do projeto para o Novo Museu do Ipiranga	40
	ANA PAULA PONTES E ANNA HELENA VILLELA	
	Educação e curadoria no Museu do Ipiranga	60
	ISABELA RIBEIRO DE ARRUDA E DENISE CRISTINA CARMINATTI PEIXOTO	

Sobre os autores	144
Ficha técnica	147
Parceiros do Museu	148



APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que apresentamos o conjunto de publicações elaboradas pela equipe do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, por ocasião da reabertura do Museu do Ipiranga e da inauguração das novas exposições, no ano das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil.

O Museu do Ipiranga é um equipamento cultural que faz parte do Museu Paulista, juntamente com o Museu Republicano Convenção de Itu, e que pertence à Universidade de São Paulo desde 1963. O Museu Paulista é o mais antigo museu do estado de São Paulo, inaugurado em 1895 no atual edifício do Museu do Ipiranga, como museu de história natural e que, ao longo do século 20, teve um crescimento acentuado de seu acervo com novas aquisições, acompanhando o ritmo das pesquisas das ciências naturais, etnologia e história do Brasil, principalmente na primeira metade do século. Aos poucos, essas coleções especializadas do Museu Paulista deram origem a outras instituições. A Pinacoteca do Estado nasceu do desmembramento das obras de arte do acervo do Museu Paulista em 1905. Em 1927, o seu acervo botânico foi transferido para o recém-criado Instituto Biológico; em 1939, o seu acervo zoológico foi transferido para o Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura e deu origem

ao Museu de Zoologia em 1941 e, finalmente, em 1989, o seu acervo de arqueologia e etnologia colaborou para a formação do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Como consequência, na década de 1990, o Museu Paulista redefiniu sua vocação, que passou a ser a história da cultura material, com foco na sociedade brasileira.

Como museu universitário, o Museu Paulista estabeleceu sua missão, já no século 21: promover a educação em todos os níveis e desenvolver atividades de extensão e cultura tendo como referência o patrimônio material que coleta e conserva, por meio da produção de conhecimento científico sobre a formação histórica da sociedade brasileira.

Dessa forma, as publicações que aqui são apresentadas têm como objetivo cumprir a missão do Museu Paulista, de divulgação do conhecimento produzido para um público amplo, contemplado por meio de livros relativos às exposições de longa duração, que aprofundam as temáticas nelas trabalhadas; materiais dedicados ao público infanto-juvenil; livretos para educadores relativos ao conteúdo das exposições de longa duração e o catálogo da exposição temporária *Memórias da Independência*.

Reforçamos aqui, em especial, a importância institucional dada à área de educação pelo Museu Paulista que, historicamente, mantém uma grande proximidade com o público escolar – professores e estudantes. Assim, ressalta-se a dedicação dada à produção do material didático de apoio para professores da rede de ensino básico (fundamental e médio), sobre os assuntos tratados nas exposições de longa duração.

O desejo do Museu Paulista é que estas publicações alcancem os seus públicos e cumpram efetivamente a missão desta instituição, divulgando o conhecimento histórico produzido em várias das pesquisas desenvolvidas com o seu acervo desde a década de 1990, e que novas publicações possam ser promovidas num futuro próximo, aproveitando, principalmente, a ocasião das renovações das exposições, para o amplo acesso às coleções e às pesquisas geradas por esta instituição à sociedade.

Rosaria Ono
Diretora do Museu Paulista-USP

Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira
Vice-diretor do Museu Paulista-USP



UM MUSEU UNIVERSITÁRIO DE HISTÓRIA

Em 1989, o Museu Paulista passou por mudanças que afetaram e ainda afetarão, por muito tempo, sua trajetória. O historiador Ulpiano Bezerra de Meneses, nomeado diretor, tinha o objetivo de transformar a instituição definitivamente em um museu de história. Para isso, o Museu enfrentou o último de vários desmembramentos ocorridos ao longo de sua existência: as coleções de arqueologia e etnologia foram transferidas para o Museu de Arqueologia e Etnologia da mesma Universidade. Consolidaram-se, assim, as especialidades de cada um desses museus, ainda que tais divisões de objetos e conhecimentos, sobretudo a segregação dos estudos de comunidades indígenas dos estudos históricos em geral, sejam hoje questionáveis.

Mas não se tratava apenas de instituir uma racionalidade organizacional das áreas do conhecimento, evitando-se sobreposições. Concluir o processo que fez o Museu deixar de ser uma instituição enciclopédica, perfil típico dos museus de história natural do século 19, para torná-lo um museu de história moderna e contemporânea significava levar a cabo mudanças também no modo como a própria disciplina histórica e as atividades cotidianas do Museu tinham sido vivenciadas até então.

Desde o pós-guerra, as ciências humanas já vinham reconstruindo seus objetos de estudo e, como consequência, empreendendo também revisões metodológicas e documentais. Na História, o interesse pelos fenômenos de longa duração deslocaram para segundo plano as narrativas baseadas em personalidades ou em acontecimentos políticos e econômicos para dar lugar a processos sociais mais amplos. O tratamento alargado do tempo histórico tornou imprescindível considerar a cultura como substrato de qualquer estudo da vida social.

Os interesses dos historiadores voltaram-se para os imaginários, os comportamentos, as percepções, os gostos e o cotidiano de populações antes ignoradas ou tratadas como simples coadjuvantes nas tradicionais análises históricas. Também o modo de olhar o documento mudara. Os documentos legais e ritualísticos do Estado davam lugar aos dados coletados em séries documentais, que atravessavam os séculos e eram capazes de informar sobre experiências sociais que ultrapassavam pessoas e mesmo gerações.



Figura 1. Reserva Técnica do Museu Paulista-USP.

Acervo Museu Paulista-USP, São Paulo. Reprodução: Helio Nobre/José Rosael.



Figura 2. Reserva Técnica de pinturas do Museu Paulista-USP.

Acervo Museu Paulista-USP, São Paulo. Reprodução: Helio Nobre/José Rosael.



Figura 3. Trabalho de higienização em tela na Reserva Técnica de pinturas do Museu Paulista-USP.

Acervo Museu Paulista-USP, São Paulo. Reprodução: Helio Nobre/José Rosael.

As novas abordagens não poderiam deixar de afetar os museus. No que tocava aos museus de história, a condição de lugar de memória havia sedimentado comportamentos celebrativos e discursos identitários ancorados na ideia de nação. No caso do Museu Paulista, que aqui nos interessa, oferecia-se aos visitantes um verdadeiro panteão de heróis encabeçados por figu-

ras paulistas que organizaram plástica e semanticamente discursos de dominação de povos, de riquezas naturais e territoriais hoje reconhecidamente tidos como narrativas eurocêntricas, androcêntricas, etnocêntricas e elitistas.

Na reviravolta empreendida em 1989, Menezes instituiu uma área de atuação no campo

da história que respeitava o perfil das coleções já existentes, mas estimulava o seu crescimento de modo diferente. Justamente por possuir um acervo de “coisas materiais”, o Museu era um lugar privilegiado para o desenvolvimento de estudos de cultura material, dedicados à compreensão dos modos de apropriação que grupos sociais fizeram de segmentos do universo natural.

As “coisas materiais”, consideradas imprescindíveis para as ações humanas e para a produção de sentidos, permitiram que o foco do Museu passasse a ser os fenômenos da vida cotidiana e da vida simbólica de amplos setores sociais.

O Museu, que até então alimentara-se de doações e, por isso, constituía um acervo de objetos elitizados e descontextualizados, que mantinham uma relação fetichista com seus proprietários e com os visitantes, passava a investir na aquisição de documentos seriados, cuja captação era agora motivada por proposições temáticas e questionamentos capazes de tratar o processo histórico na complexidade de suas múltiplas temporalidades, tensões e confrontos estabelecidos entre os diversos agentes sociais. Nessa perspectiva de atuação, a cultura material oferecia-se como uma plataforma extraordinária para dar visibilidade àqueles que não deixaram testemunhos documentais escritos.

O plano diretor de 1989 também delimitou no vasto campo da cultura material três linhas de pesquisa – Cotidiano e Sociedade, História do Imaginário e Universo do Trabalho. Ofícios urbanos, práticas comerciais, representações da cidade e dos sujeitos na cidade, urbanismo e arquitetura tornaram-se temas de interesse do Museu. Mas suas coleções fomentaram igualmente os estudos do espaço privado como trabalho doméstico, memória familiar, práticas de decoração e de recepção. Na dimensão do imaginário, o Museu voltava sua atenção para as representações identitárias, as dimensões ideológicas, políticas e sociais presentes na construção territorial e expansão sertanista, os processos de independência, o movimento republicano e suas formas de memória.

As mudanças temáticas, metodológicas e documentais também afetaram as práticas museológicas. A pesquisa e o potencial informativo das coleções passaram a orientar todas as atividades curatoriais, entendidas como momentos de um ciclo virtuoso e solidário.

O Museu foi se transformando por dentro e, hoje, 33 anos passados desde 1989, ele traz para as áreas expositivas os resultados dessas mudanças.

As exposições públicas do Museu Paulista-USP, instaladas no edifício Museu do Ipiranga, apresentam para os mais diferentes públicos o resultado de longos processos de trabalho interdependentes, que envolveram política de aquisição de novas coleções, enriquecimento das já existentes, formação de biblioteca especializada, catalogação das coleções, trabalhos de conservação, bem como ações educacionais e culturais. As exposições que reinauguram o espaço público do Museu a partir de 2022 são o coroamento de um esforço institucional em atender de maneira democrática e responsável às mais diversas expectativas de amplos setores da sociedade. Há, portanto, uma correspondência entre o alargamento social nos temas de pesquisa do Museu e a grande amplitude de ação comunicacional que suas exposições pretendem alcançar.

A transferência das Reservas Técnicas (Figuras 1, 2 e 3) e áreas de trabalho para outros imóveis permitiu a ocupação integral do edifício histórico Museu do Ipiranga com exposições. São 11 exposições de longa duração, divididas em dois eixos: (1) *Para entender a sociedade*, e (2) *Para entender o Museu*.

O eixo *Para entender a sociedade* reúne as exposições *Uma história do Brasil*, *Passados imaginados*, *Territórios em disputa*, *Mundos do trabalho*, *Casas e coisas* e *A cidade vista de cima*. Essas seis exposições trazem as pesquisas feitas na área de especialização do Museu. Apresentam, portanto, narrativas tridimensionais sobre processos históricos da sociedade brasileira. Elas são mostras da pesquisa nuclear desenvolvida na instituição.

O eixo *Para entender o Museu* reúne as exposições *Para entender o Museu*, *Coletar: imagens e objetos*, *Catalogar: moedas e medalhas*, *Conservar: brinquedos*, e *Comunicar: louças*. Essas cinco exposições foram produzidas com o intuito de introduzir os visitantes na história do edifício, do Museu e nas atividades que fazem parte do ciclo curatorial. A explicitação do modo de trabalho em um museu auxilia o público a melhor compreender como as coleções são elas mesmas também manifestações sociais, fruto de práticas de seleção que sustentam os discursos dos próprios curadores.

Finalmente, os livros temáticos foram concebidos em relação estreita com as exposições, mas guardam delas autonomia. Eles oferecem uma experiência de mergulho em temas tratados nas exposições e que nos livros puderam ser desdobrados ou aprofundados. Os livros temáticos abrem portas. Eles indicam como as reflexões sobre as coleções do Museu podem nos levar a trilhar múltiplos caminhos, que vão e vão... a perder de vista.

Vânia Carneiro de Carvalho

Coordenadora das exposições do Museu Paulista-USP

“O MUSEU FOI SE TRANSFORMANDO POR DENTRO E, HOJE, 33 ANOS PASSADOS DESDE 1989, ELE TRAZ PARA AS ÁREAS EXPOSITIVAS OS RESULTADOS DESSAS MUDANÇAS.”



01

A CURADORIA NOS BASTIDORES DO MUSEU

SOLANGE FERRAZ DE LIMA E VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO

Museus são arenas sensoriais estáveis e sem fins lucrativos, profissionalmente comprometidas com a salvaguarda e operação de recursos de todos os tipos, considerados como processos de mediação entre realidades materiais e imateriais, a fim de tornar nosso conhecimento da vida – humana e não humana, em interação – mais sensível, extensa, confiável, gratificante e capaz de alimentar a ação social responsável.

Essa definição de museu é de autoria de Ulipiano Toledo Bezerra de Meneses, hoje professor emérito da FFLCH-USP, conhecido nacionalmente por sua produção e militância no campo do Patrimônio e dos museus. Meneses foi diretor do Museu Paulista da USP entre 1989 e 1993 e foi o responsável pelo Plano Diretor que instituiu as linhas de pesquisas ainda em vigor, as bases e os princípios da nossa atual política de aquisição e, sobretudo, uma maneira específica de desenvolver a curadoria em um museu universitário. A sua proposta de definição de museus não se antagoniza, muito pelo contrário, é complementar, à definição que a sessão brasileira do ICOM formulou com base em um extenso processo de consulta aos profissionais de museus:

“Um museu é uma instituição inclusiva, sem fins lucrativos, aberta ao público, que investiga, coleciona, preserva, expõe e comunica o patrimônio material e imaterial, promovendo reflexões críticas sobre a memória e as identidades. Os museus estão a serviço da sociedade, proporcionando experiências educativas e de partilha de conhecimentos.

Impulsionados pelas comunidades ou moldados em conjunto com os seus públicos, os museus podem assumir uma ampla gama de formatos, promovendo igualdade de acesso, sustentabilidade e diversidade” (<https://www.icom.org.br/>; acesso em: 6 jul. 2022).

A definição proposta pela comunidade brasileira bem expressa as preocupações com temas candentes de nossa sociedade. A participação do público e das comunidades nas ações museais é, hoje, um tema central para os profissionais de museus. Assim como a preocupação com a inclusão, essencial em um país marcado pela desigualdade econômica e suas múltiplas reverberações sociais.

Em ambas as definições, as finalidades convergem para a formação de cidadãos críticos capazes de atuar cotidianamente de forma consciente e responsável na coletividade.

A definição proposta por Meneses nos é particularmente cara por considerar a materialidade o elemento central e diferenciador da instituição museu. E especialmente o nosso Museu, que tem, na cultura material, seu foco de especialidade.